

RELATORIA

II ENESC 2012
Encontro Nacional dos Estudantes de
Saúde Coletiva
Saúde Coletiva enquanto movimento social

10 A 14
DE NOVEMBRO
ESTEIO-RS



Dados

Nome mesa/oficina/vivência:	Rodas de discussão: Mesa Eixo I - Movimentos Sociais e a participação social na saúde
Convidados:	Estudantes participantes do II ENESC
Data:	11 de Novembro de 2012
Hora Início:	15:10
Hora término:	17:00
Local:	Auditório
Equipe de relatoria/mediação de mesa: nome/instituição	Caroline Graça Parente – Universidade Federal do Acre Tâmires Gomes de Albuquerque – Universidade Federal do Acre

Dinâmica

Pauta:	<p>Discutir a questão dos termos institucionalizados no SUS como o controle social e sobre outras formas de participação</p> <p>Discutir o que é um movimento social, como ocorre essa organização?</p> <p>Análise de conjuntura da situação dos movimentos sociais e a participação popular no SUS hoje.</p> <p>A (des)concentração dos direitos sociais na atualidade.</p> <p>Como os direitos sociais podem ser garantidos em sociedade neoliberalis?</p> <p>Como a saúde vem sendo colocada nas pautas dos movimentos sociais?</p>
Desenvolvimento:	<p><u>Ricardo Monteiro:</u> Ressaltou a importância de saber o conceito de movimento social;</p> <p><u>Carol Parente:</u> Relatou a importância da participação dentro dos conselhos. Falou sobre o manifesto em revogação às OS de São Paulo.</p> <p><u>Tainara:</u> O centro acadêmico de saúde coletiva tem uma cadeira no conselho de saúde do município de Matinhos. Ressalta a importância de chamar a comunidade para as discussões.</p> <p><u>Florentino:</u> Se tirar todas as OS que existem no país o estado não tem como gerir tudo relacionado à saúde. Temos que entender e olhar o crescimento das OS. Falar contra OS é muito fácil, difícil é encarar o governo e sistema financeiro do governo.</p>

Bárbara: São mais de 100 no Brasil. As OS são baseadas em modelos internacionais. Avança na cobertura, mas a que preço? Não tem link com o município. É processo que a gente pode ir avaliando. Qual é o modelo de gestão que a gente quer?

Ricardo: O que leva o estado a fazer a opção em levar as OS para o Estado. Quais motivos o estado está considerando ao achar que a OS é a solução para a saúde. É um contexto a ser avaliado.

Carol: Qual o nosso papel nesse contexto de OS?

Início da troca de experiências das vivências

Parque Farroupilha – Saúde Mental no Parque

Raul: Falou sobre a reforma anti manicomial, sobre a importância de não ter mais a internação de pessoas com transtornos psíquicos, deixar a pessoa no convívio familiar.

Movimento LGBTTTs (Igualdade)

Tatielen:

Tiago: O próprio homossexual tem preconceito consigo mesmo. Alguns tem medo de andar nas ruas, em casa você é oprimido por seus pais e irmãos. Através de algumas conversas e vivências existe pessoas que conversam com você, que te entendem, lugares onde você pode se sentir bem.

Raul: Qual sugestão para a família ter um convívio com a pessoa homossexual?

Comunidade Indígena Guarani – Viamão

Dyego: É um grupo muito unido, mas não é uma aldeia, é uma reserva cedida para os indígenas. Não estão sendo assistidos pela SESAI. Não estão sendo assistidos pelo programa saúde da família. Quando alguém adocece, o pajé que cuida, pois eles não procuram o serviço de saúde.

Guilherme: Entender que como sanitaria, não podemos impor nossas culturas para o indígena, saber cuidar através da cultura da aldeia.

Patrícia: Como inclui-los no movimento social, sem interferir nos valores culturais da aldeia?

Carol Parente: Respeitar as particularidades de cada comunidade é essencial para o trabalho dos sanitaria.

Rede Unida

Bruno Batista: Fez uma breve apresentação do Versus para o grupo, utilizou os cartazes que foram construídos na oficina.

Leonardo: Relatou sua experiência com o versus, e ressaltou a

	importância de se conhecer o serviço através dessas vivências, pois é possível encontrar o que esta sendo feito e o que pode ser melhorado.
Encaminhamentos:	
Deliberações:	

RELATORIA

II ENESC 2012
Encontro Nacional dos Estudantes de
Saúde Coletiva
Saúde Coletiva enquanto movimento social

DE 10 A 14
NOVEMBRO
ESTEIO-RS



Dados

Nome mesa/oficina/vivência:	Rodas de discussão: Mesa Eixo I - Movimentos Sociais e a participação social na saúde
Convidados:	Estudantes participantes do II ENESC
Data:	11 de Novembro de 2012
Hora Início:	15:10
Hora término:	17:00
Local:	Auditório
Equipe de relatoria/mediação de mesa: nome/instituição	Caroline Graça Parente – Universidade Federal do Acre Tâmires Gomes de Albuquerque – Universidade Federal do Acre

Dinâmica

Pauta:	<p>Discutir a questão dos termos institucionalizados no SUS como o controle social e sobre outras formas de participação</p> <p>Discutir o que é um movimento social, como ocorre essa organização?</p> <p>Análise de conjuntura da situação dos movimentos sociais e a participação popular no SUS hoje.</p> <p>A (des)concentração dos direitos sociais na atualidade.</p> <p>Como os direitos sociais podem ser garantidos em sociedade neoliberalis?</p> <p>Como a saúde vem sendo colocada nas pautas dos movimentos sociais?</p>
Desenvolvimento:	<p><u>Ricardo Monteiro:</u> Ressaltou a importância de saber o conceito de movimento social;</p> <p><u>Carol Parente:</u> Relatou a importância da participação dentro dos conselhos. Falou sobre o manifesto em revogação às OS de São Paulo.</p> <p><u>Tainara:</u> O centro acadêmico de saúde coletiva tem uma cadeira no conselho de saúde do município de Matinhos. Ressalta a importância de chamar a comunidade para as discussões.</p> <p><u>Florentino:</u> Se tirar todas as OS que existem no país o estado não tem como gerir tudo relacionado à saúde. Temos que entender e</p>

olhar o crescimento das OS. Falar contra OS é muito fácil, difícil é encarar o governo e sistema financeiro do governo.

Bárbara: São mais de 100 no Brasil. As OS são baseadas em modelos internacionais. Avança na cobertura, mas a que preço? Não tem link com o município. É processo que a gente pode ir avaliando. Qual é o modelo de gestão que a gente quer?

Ricardo: O que leva o estado a fazer a opção em levar as OS para o Estado. Quais motivos o estado está considerando ao achar que a OS é a solução para a saúde. É um contexto a ser avaliado.

Carol: Qual o nosso papel nesse contexto de OS?

Início da troca de experiências das vivências

Parque Farroupilha – Saúde Mental no Parque

Raul: Falou sobre a reforma anti manicomial, sobre a importância de não ter mais a internação de pessoas com transtornos psíquicos, deixar a pessoa no convívio familiar.

Movimento LGBTTTs (Igualdade)

Tatielen:

Tiago: O próprio homossexual tem preconceito consigo mesmo. Alguns tem medo de andar nas ruas, em casa você é oprimido por seus pais e irmãos. Através de algumas conversas e vivências existe pessoas que conversam com você, que te entendem, lugares onde você pode se sentir bem.

Raul: Qual sugestão para a família ter um convívio com a pessoa homossexual?

Comunidade Indígena Guarani – Viamão

Dyego: É um grupo muito unido, mas não é uma aldeia, é uma reserva cedida para os indígenas. Não estão sendo assistidos pela SESAI. Não estão sendo assistidos pelo programa saúde da família. Quando alguém adocece, o pajé que cuida, pois eles não procuram o serviço de saúde.

Guilherme: Entender que como sanitarista, não podemos impor nossas culturas para o indígena, saber cuidar através da cultura da aldeia.

Patrícia: Como inclui-los no movimento social, sem interferir nos valores culturais da aldeia?

Carol Parente: Respeitar as particularidades de cada comunidade é essencial para o trabalho dos sanitaristas.

Rede Unida

Bruno Batista: Fez uma breve apresentação do Versus para o

	grupo, utilizou os cartazes que foram construídos na oficina. Leonardo: Relatou sua experiência com o versus, e ressaltou a importância de se conhecer o serviço através dessas vivências, pois é possível encontrar o que está sendo feito e o que pode ser melhorado.
Encaminhamentos:	
Deliberações:	

momo